

**REPARTIÇÃO DO LUCRO E REPRESENTAÇÕES: A ECONOMIA DE
COMUNHÃO NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS DOS FOCOLARES.**

Renan Vilas Boas de Melo Magalhães

Graduando em História pela UFPE; membro dos Grupos de Pesquisa: “História e Religiões” do Programa de Pós-Graduação em História da UFPE e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa” do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste – UFPE. Professor Regente da Prefeitura do Recife. Artigos publicados e participação em Congressos. E-mail: renanvbmelo@gmail.com.

Sylvana Maria Brandão de Aguiar

Doutora em História do Brasil pela UFPE; Docente do Departamento de História da UFPE; Docente dos Programas de Pós-graduação em História e Arqueologia da UFPE; Docente e Coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste; Líder dos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do MPANE/UFPE. Vários livros e artigos publicados; Membro de Instituições de Pesquisa nacionais e internacionais. E-mail: symbay@globocom

Resumo

Este artigo tem por objetivo tentar compreender a Economia de Comunhão através das práticas e representações do Movimento dos Focolares, que consideramos como um subcampo conservador dentro da Igreja Católica Apostólica Romana. Os Focolares têm sua gênese no decorrer da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1943, em Trento, na Itália. A fundadora e idealizadora foi Chiara Lubich, que esteve na liderança do grupo até sua morte. No período pós-guerra, o Movimento teve uma grande expansão pelo mundo, inicialmente na Europa em 1956, e pelo outros continentes a partir de 1958. Em 1959, Ginetta Calliari se transferiu para o Brasil, no início do processo expansão extracontinental. O Movimento recebe a aprovação papal somente em 1962, obtendo o nome de “Obras de Maria”, devido a seus preceitos marianos. Receberam a aprovação durante o contexto do Concílio Vaticano II. Os Focolares são conhecidos por suas obras sociais em toda sua área de atuação. Um dos mecanismos de ação é a criação de pequenas cidades, chamadas de Mariápolis. No Brasil a primeira fundada foi a Mariápolis Santa Maria, em 1965, em Igarassu, Região Metropolitana do Recife. Este ano os Focolares comemoram 50 anos de sua chegada ao Brasil, onde verifica-se ainda sua grande difusão. A partir de princípios do Movimento foi criada a Economia de Comunhão, sendo eles principalmente a cultura da partilha, a comunhão de bens e a unidade. A Economia de Comunhão foi idealizada por Chiara Lubich, sendo lançada em 1991 na sede brasileira do Movimento dos Focolares. A base da Economia de Comunhão é o lucro tripartido, existindo uma repartição do lucro em três partes, aonde uma parte vai para o desenvolvimento da empresa, outra vai para a ajuda aos necessitados ligados ao Movimento e a última vai para a difusão da cultura da partilha. O diferencial da Economia de Comunhão é sua compatibilidade com a economia de mercado, sem a necessidade de uma reviravolta econômica. Nossa análise fez

confluências de conceitos advindos da História Cultural, com Chartier e da Sociologia, em especial de Weber e Bourdieu. Da Etnografia tem sido fundamental as reflexões de Geertz, Steil e Brandão. Quanto a metodologia da História Oral são basilares as contribuições de Thompson, Le Goff, Montenegro e Meihy e Holanda, concomitantemente à utilização de autores temáticos, como Alexandre Santos. Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória, documental e bibliográfica.

Palavras-chave: Focolares; Representações; Economia de Comunhão.

Introdução

O eixo de análise deste artigo é a percepção histórica da Economia de Comunhão a partir da *representação* e das *práticas*, no dizer de Chartier (2002), dos integrantes do Movimento dos Focolares. Esta pesquisa faz parte dos estudos em curso nos Grupos de Pesquisa: “História, Religião e Religiosidades” do Programa de Pós-graduação em História da UFPE e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa” do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, ambos coordenados pela Professora Doutora Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

Para compreensão da Economia de Comunhão enquanto *práticas* e *representação* dos focolarinos faz-se necessário compreender a História como um cotidiano religioso onde os sujeitos elaboram um sentido através da criação de símbolos que orienta um filtro por onde perpassam atitudes sociais amalgamadas pela religião e ter a noção dos mesmos como um *Subcampo* Conservador, nos termos de Bordieu (2005), em meio ao *Campo* que é a Igreja Católica Apostólica Romana. *Campo* deve aqui ser compreendido como autônomo, dito de outra maneira, nem sempre decorrente de determinações econômicas ou culturais, ou seja, mais próximo de uma composição sócio-cultural, caso aceitemos a fusão entre os conceitos dos autores supramencionados.

Acreditamos que nossa pesquisa tem relevância acadêmica devido a ser um estudo inédito no âmbito da História. Encontramos uma extensa bibliografia a respeito, entretanto algumas publicações são de autoria dos próprios focolarinos em, por exemplo, uma Editora própria, a Cidade Nova, e outras são do âmbito de outras áreas de conhecimento, nenhuma utilizando-se da confluência de teorias de autores como Chartier (2002) e Bordieu (2001; 2005), ou mesmo comparado a análises realizadas nos

4 volumes de História das Religiões no Brasil (2001-2006), nem nos publicados pelo CEHILA ou pela SBHR.

Nosso estudo é de natureza qualitativa, entretanto utiliza-se de dados quantitativos para consubstanciar as análises feitas (estas estatísticas ainda estão em fase de sistematização, visto o caráter recente da pesquisa). Trata-se também de uma pesquisa exploratória, devido a este caráter inédito supramencionado. É ainda documental e nossas principais fontes primárias estão sendo localizadas e sistematizadas em acervos particulares de empresas integrantes da Economia de Comunhão, em especial na Mariápolis Santa Maria, em Igarassu, onde se está tendo uma certa dificuldade no acesso as fontes, o que impossibilita uma exposição mais densa sobre a mesma. Pode se afirmar ainda que se trata de uma pesquisa bibliográfica, aonde está se catalogando os escritos em outras áreas, publicações na editora Cidade Nova, e dos teóricos relacionados à compreensão dos fenômenos religiosos. Os sujeitos principais da pesquisa são os integrantes do Movimento, empresários, operários, clientes e moradores das Mariápolis. Com estes sujeitos faz-se necessário a utilização de trabalhos de campo, amparados na Etnografia de Geertz (1989), Steil (1996) e Brandão (2001) e a História Oral de Thompson (1992), Le Goff (1996), Montenegro (1994) e Meihy e Holanda (2007). Da Etnografia é bom se registre que a compreendemos fundamentalmente como as observações registradas em campo de tudo aquilo que é possível captar pelo pesquisador atento a relação dialógica entre aquilo que se vê e como o que se vê é registrado; deste modo há necessariamente uma triangulação de fontes: o registro de campo é densamente relacionado aos documentos primários e as fontes secundárias. De igual maneira também procedemos com a História Oral, onde as memórias que são recriações do vivido; reelaborações de fragmentos do passado embutidos de sentimentos, devem ordinariamente serem observadas à luz de outras fontes, tanto primárias, como secundárias.

História do Movimento dos Focolares

O Movimento dos Focolares tem sua gênese no decorrer da Segunda Guerra Mundial, em 1943, em Trento, na Itália. A idealizadora e fundadora do Movimento foi Chiara Lubich, a líder até sua morte. Chiara se junta na época a um grupo de amigas para recolher doações e ir ao socorro das vítimas da guerra. Com o fim da guerra os Focolares experimentaram uma rápida expansão, de início na Itália, e logo após, em 1956, pelo restante da Europa. Com o passar do tempo alcançam os cinco continentes. Atualmente, inserem-se em 182 países, com mais de dois milhões de aderentes e uma irradiação de alguns milhões, dificilmente quantificável¹.

A aprovação papal ao Movimento só veio em 1962, recebendo o nome oficial de “Obras de Maria”, por seguir os preceitos marianos. Essa questão mariana fica evidente na liderança do grupo onde apenas mulheres podem exercer liderança, o que não afasta os homens do Movimento. A aprovação se dá durante o contexto do Concílio Vaticano II. Os Focolares vão receber um grande apoio do Papa João Paulo II, que apóia muitos destes tipos de movimento conservadores.

Os Focolares são conhecidos pelas obras sociais pelo mundo. Só no Brasil, até o ano de 2007, gerenciavam-se 120 obras sociais (SANTOS, 2007). Essas obras sociais são possibilitadas, segundo os Focolares, devido a seus ideais que seriam: fraternidade, a comunhão, a solidariedade, o amor recíproco e a unidade das pessoas. Os Focolares criaram pequenas cidades chamadas de Mariápolis, com escolas, casas e empresas. No mundo, existem 35 Mariápolis.

Chegam ao Brasil em 1958, e logo no ano seguinte Ginetta Calliari se transferi, e formam-se dois centros de formação no Recife, difundindo posteriormente por todo o País. Este ano comemora-se 50 anos de sua chegada ao Brasil, onde tiveram e tem grande difusão. Atualmente, os Focolares estão presentes em quase todas as capitais brasileiras com, e aqui existem três Mariápolis: a Mariápolis Ginetta, em São Paulo; a Mariápolis Glória, no Pará; e a Mariapólis Santa Maria, em Pernambuco (CALLIARI, 1999; SANTOS, 2007). Aqui encontram-se “mais de 17 mil membros, 300 mil

¹ Para um maior aprofundamento dos dados consultar:

<<http://www.focolare.org/page.php?codcat1=190&lingua=PT&titolo=o%20movimento%20dos%20focolares&tipo=o%20movimento%20dos%20focolares>> Acesso em: 29 de ago. de 2009

aderentes e simpatizantes, e, ainda gerencia 120 obras sociais” (SANTOS, 2007, p. 36), até o ano de 2007.

Economia de Comunhão

No interior dos Focolares se desenvolve em 1991, em São Paulo, a Economia de Comunhão² (EdC) criada por Chiara, durante sua permanência na Mariápolis Ginetta. A EdC é uma nova forma de interação econômica, uma tentativa de humanizar a economia de mercado. Esta nova forma de interação surge a partir dos ditos ideais dos Focolares, em especial a cultura da partilha – que se baseia na dádiva e na gratuidade –, a comunhão de bens e a unidade.

As empresas coligadas à EdC são empresas de propriedade privada em todos os sentidos, plenamente inseridas no mercado, que salvaguardam a propriedade particular dos bens, mas colocam o lucro – que a ideologia capitalista considera a finalidade da empresa – em comunhão. (BRUNI, 2005, p. 25)

A inovação maior que surge com a EdC é a concepção de Lucro Tripartido, que consiste em repartir o lucro em três partes, aonde a primeira é para “ajudar em primeiro lugar os necessitados, oferecer-lhes trabalho, estruturá-los, [...] Depois, para desenvolver as empresas, pois se elas param, não produzem.” (LUBICH, 2004, p. 14) E por fim para difundir a cultura da partilha e desenvolver as Mariápolis.

Com o desenvolvimento da EdC, criou-se nos entornos das Mariápolis pólos produtivos onde reúnem-se empresas produtivas que inspiram-se na EdC. Estes pólos são importantes meios de interação da comunidade com a empresa. O primeiro pólo surgido no Brasil, em 1994, foi o Spartaco, em São Paulo (PINTO; LEITÃO, 2006). Em Pernambuco existe o Pólo Ginetta, que fica nas proximidades da Mariápolis Santa Maria.

A EdC não teria um fim assistencialista, como programas de governo como o “bolsa-escola”, nem tampouco filantrópico, no lugar destes Pinto e Leitão (2006) a baseiam na “cultura do dar”.

O grande diferencial da EdC é sua compatibilidade com a economia de mercado, pois não se faz necessário grandes reviravoltas econômicas para sua implantação. O que possibilita isto é que a mudança reside na forma de distribuição do lucro.

O Brasil é o país com o maior número de empresas integrantes, depois da Itália. De 1992 a 2006, o número de empresas adeptas a EdC cresceu sensivelmente, tendo nos últimos anos um período de estabilidade. Como verifica-se no seguinte quadro.

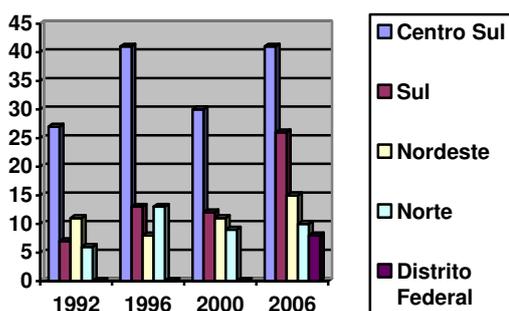
Quadro 1 – Número de empresas de EdC no Brasil (período 1992-2006)

Ano	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06
Nº	59	81	86	88	88	87	88	87	77	90	90	94	112	123	123

Fonte: (SANTOS, 2007, p. 18)

Essas empresas estão divididas em todo Brasil, estando presente em maior número no Centro Sul, Sul e Nordeste, como se vê no gráfico.

Gráfico 1 – Número de empresas da EdC nas diversas regiões do Brasil (1992-1996-2000-2006)



Fonte: Adaptado de SANTOS (2007)

Lócus da pesquisa

² A Economia de Comunhão possui um site oficial que pode ser consultado para um maior detalhamento. Disponível em: <<http://www.edc-online.org/index.php/br.html>> Acesso em: 04 de set. de 2009.

O nosso lócus de pesquisa é a Mariápolis Santa Maria, em Igarassu, Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. A Mariápolis Santa Maria é a primeira das Américas, construída em 1965. Além de casas, escola e empresas, nesta Mariápolis está instalado o Pólo Ginetta (Pólo Empresarial do Nordeste S.A.). Este Pólo contempla

além de áreas para a administração, serviços e proteção ambiental, dez lotes nos quais, mediante a necessidade indicada pelo interesse das empresas (já estão inscritas as empresas Sibrasa, que atua na área comercial têxtil, e a Rotogine, que fabrica fossas sépticas), serão construídos galpões. (SANTOS, 2007, p. 157)

Não seria possível neste curto espaço de tempo já inserir dados coletados a partir da Etnografia e da História Oral, considerando que eles estão sendo transcritos e mensurados, daí a opção pelo detalhamento da historicidade dos focolarinos aqui no Brasil e, em especial, em Pernambuco.

Considerações Finais

As investigações desta pesquisa ainda estão em fase inicial, portanto, prima-se pela localização e catalogação de fontes e por uma definição das teorias e metodologia a serem aplicadas. Portanto o que se expõe aqui são apenas resultados parciais, naturalmente apresentados posteriormente com maior densidade.

Compreendemos que a Economia de Comunhão está permeada da *representação*, conceito de Chartier (2002), dos Focolares, de tal modo que os Focolares tentam impor sua visão de mundo através de suas *práticas*, conceito de Chartier (2002), as demais percepções de mundo, buscando inserir seus ideais na interação econômica tradicional.

Consideramos os Focolares enquanto um *subcampo* (2001; 2005) de configuração conservadora que interage com os demais *subcampos*, que estão num espaço de conflito, e que compõe o *campo* (2001; 2005) que é a Igreja Católica Apostólica Romana. Este *subcampo* conservador, como outros movimentos neste sentido, recebem apoio da Igreja neste atual momento, e em especial desde João Paulo II, que fortaleceu muito tais movimentos.

Tivemos a percepção, ao menos neste exemplo, que Weber tem razão ao analisar a religião enquanto amálgama e vetor de desenvolvimento da Economia Capitalista, no dizer do autor, a lógica da razão e da racionalidade moderna (2000; 2006), como se vê nesta nova forma de interação econômica, que transforma a relação da empresa com o lucro, o repartindo, e foi criada no seio do Movimento dos Focolares, relacionando assim religião e desenvolvimento do Capitalismo.

É provável que esta Economia de Comunhão, também alicerçada nas orientações da Economia Solidária possua fundamentos nos estudos de M. Mauss, mas esta ilação teórica carece de uma argumentação extremamente pontual, daí que em nossas reflexões teóricas julgamos por bem deixar este ponto como um elo a ser discutido posteriormente.

Referências

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANDÃO, Sylvana. “São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil.” In: **HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NO BRASIL**. Sylvana Brandão (Org.). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES NO BRASIL. Sylvana Brandão (Org.). Recife: UFPE, v. 1-4, 2001-2006.

BRUNI, Luigino. **Comunhão e as novas palavras em economia**. Vargem grande Paulista: Cidade Nova, 2005.

CALLIARI, Ginetta. O Projeto Economia de Comunhão: acenos sobre a origem, o desenvolvimento e algumas repercussões sobre a origem. IN: BARAÚNA, MÁRCIA. (Coord.) **Economia de Comunhão e movimento econômico: desenvolvimento e perspectivas**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 1999.

- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **Historia e Memória**. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1996.
- LUBICH, Chiara. **Economia de Comunhão: História e Profecia**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2004.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- O MOVIMENTO DOS FOCOLARES. Página oficial do Movimento dos Focolares. Disponível em: <http://www.focolare.org/page.php?codcat1=190&lingua=PT&titolo=o%20movimento%20dos%20focolares&tipo=o%20movimento%20dos%20focolares> Acesso em: 29 de ago. de 2009
- Página oficial da Economia de Comunhão. Disponível em: <http://www.edc-online.org/index.php/br.html> Acesso em: 4 de set. de 2009.
- PINTO, Mário Couto Soares; LEITÃO, Sergio Proença. **Economia de Comunhão: Empresas para um capitalismo transformado**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- SANTOS, Alexandre José Ferreira dos. **Uma abordagem da Economia de comunhão como estratégia para o desenvolvimento local: o caso das empresas instaladas na região metropolitana do Recife**. Recife, 2007. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CCSA. Administração, 2007.
- STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- THOMPSON, Paul Richard. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- _____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília: UNB, 2000. 2v.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514